



## O PARADOXO DO DISCURSO FEMINISTA EM A VIOLETA

Epaminondas de Matos Magalhães<sup>1</sup>

Larissa Aparecida dos Santos Claro<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo se propõe a analisar a revista A violeta, escrita por mulheres e para mulheres que, de certa forma, apresenta um paradoxo discursivo, pois o que se encontra no tecido do texto é um discurso androcêntrico sobre a condição de ser mulher, ser mãe e ser esposa.

**PALAVRAS CHAVE:** A violeta. Mulheres. Discurso

### THE PARADOX OF SPEECH IN FEMINIST VIOLET

**ABSTRACT:** This article proposes to examine the magazine Violet, written by women and women who, in a sense, discourse presents a paradox, because what we find in the fabric of the text is an androcentric discourse about the condition of being female, being a mother and being a wife.

**KEYWORDS:** Violet. Women. Speech.

"O instinto na mulher, equivale à perspicácia nos grandes homens."

(Honoré de Balzac)

No início do século XX, circulou por todo o Brasil um conjunto significativo de revistas femininas que rompiam, de certo ponto, com os padrões machistas da sociedade brasileira, ou enunciavam, em seu projeto, o objetivo de desmistificar certos preconceitos arraigados na sociedade. Contudo, pretendemos comprovar que essas revistas apresentam um discurso machista, dentro do próprio discurso feminista. Buscaremos, na noção de heterogeneidade constitutiva e de interdiscurso, mostrar o discurso Outro dentro do discurso

---

<sup>1</sup> Pós-Graduando em Letras-Teoria da Literatura, nível de Doutorado, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS. Professor do Instituto Federal de Mato Grosso-IFMT-Campus Campo Novo do Parecis- End. MT 235 Km 12;, s/n, Caixa Postal n. 100, Zona Rural - CEP 78360-000/ email: epa.magalhaes@hotmail.com.

<sup>2</sup> Pós-Graduada, nível de Mestrado, em Estudos Literários, pela Universidade Federal de Mato Grosso. Professora de Língua Portuguesa das Faculdade Cathedral- Barra do Garças- MT. End. Av. Antônio Francisco Cortez, s/n – Cidade Universitária, 78600-000 / email: larissa.claro@hotmail.com



Mesmo, uma voz tão completamente dissolvida que não se percebe, sem uma análise acurada. O corpus de análise para este trabalho será buscado na Revista *Violeta*, que circulou em Mato Grosso, entre os anos de 1916 a 1950. Dessa revista, recortamos, especificamente, uma carta enviada pela fundadora do Grêmio Literário Júlia Lopes, que foi publicada em 1918. A proposta inicial é um passeio pelos editoriais da revista escrita por e para mulheres.

Não queremos desmerecer o papel social da revista para a literatura, mas demonstrar o discurso do Outro presente nela. A análise aqui proposta é embrionária, dado que os olhos dos analistas ainda são de iniciantes em Análise do Discurso-AD e algumas hipóteses formuladas poderão futuramente ser modificadas.

## 1 - CONTEXTUALIZANDO O CORPUS DE ANÁLISE

A Revista *A Violeta* circulou no cenário mato-grossense entre os anos de 1916 a 1950. Criada e mantida por uma associação estudantil- Grêmio Júlia Lopes de Almeida - a revista abordou temas variados sobre a cultura regional até a metade do século XX.

O Grêmio Júlia Lopes de Almeida foi criado em 26 de novembro de 1916 e instalado no Palácio da Instrução, em Cuiabá, duas quadras da Escola Normal, e o primeiro número da revista foi publicado em dezembro do mesmo ano. A revista *A Violeta* foi a que teve maior circulação e maior durabilidade em Mato Grosso. É importante destacarmos que o núcleo da Revista era constituído por um grupo de mulheres letradas<sup>3</sup>.

Esse grupo de estudantes era formado por normalistas da “Escola Normal de Mato Grosso”, (posteriormente nomeada “Pedro Celestino”) que, significativamente, havia sido instalada em 1910.

Pertenciam a esse grupo de escritoras: Ana Luiza da Silva Prado (1898 a 1986), que assinou na Revista como Zilah Donato, A. L.; Amélia de Arruda Lobo (1898 a 1977), que assinou na Revista como Solange, Aurora, A. Lobo; Maria Dimpina Lobo (1891 a 1966), que assinou na Revista com seu próprio nome, como D. Marta, Arinapi e M.D.; Maria Ponce de Arruda Müller (1898 a 2001), que assinou na Revista como Mary, Chloé, Vampira, Consuelo, Sara, Lucrecia, Ofélia e Vespertina, além de Maria Müller.

A revista realizou, durante sua circulação, saraus beneficentes, especialmente, em prol da Santa Casa de Misericórdia, além de conferências e outros eventos.

---

<sup>3</sup> Entendido como mulheres que possuem curso mínimo secundário



## 2-AS RELAÇÕES INTERDISCURSIVAS

A análise do discurso se ocupa dos sentidos, no seu entrelaçamento das relações históricas e sociais.

Segundo Pêcheux, o sentido de uma palavra, de uma expressão, de um proposição etc. não existe em si mesmo (istoé, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico. (1975, p.144)

Segundo Orlandi, todo discurso é constituído por ideologias e estas são condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Nos recortes selecionados, evidencia-se a voz do professor que, imbuído de autoridade, anula o conteúdo referencial da enunciação, substituindo-o por um conteúdo ideológico o qual, para o aluno, passa a representar o conhecimento legítimo (2001, p.46).

Para discutirmos as relações ideológicas machistas na revista A Violeta assumiremos a perspectiva da Análise do Discurso, assumindo que o sujeito produz seus discursos, em um determinado tempo, articulando história e ideologia. Nesse sentido, o que o sujeito enuncia são os recortes de um tempo histórico em que está inserido. O sujeito, portanto, é clivado, no sentido de que se encontra dividido entre vários outros discursos. Esta projeção faz com o sujeito situe o seu discurso dentro do discurso do outro, uma vez que um discurso não nasce do nada. E, nesse sentido, “[...] o interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e lingüisticamente definido. Ele se apresenta como séries de formulações distintas e dispersas que formam em seu conjunto o domínio da memória”. (Orlandi, 1983, p. 90).

O interdiscurso tem papel primordial na Análise do Discurso de linha francesa, em sua versão atual. Para Maingueneau (1989), o discurso se dá pela interação entre os discursos, ou seja, o discurso se dá na interdiscursividade, na relação do discurso do eu com o discurso do outro.

Maingueneau busca compreender a noção de interdiscurso, a partir da tríade universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. O primeiro compreende “[...] o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem uma determinada conjuntura, o



segundo é um conjunto de formações (...) que se encontram em uma região determinada no universo discursivo, o último é um subconjunto do campo discursivo” (1989, p.117).

O recorte do espaço discursivo se dá por via de escolha do analista, observando o todo do conjunto de discursos que se entrecruzam.

Temos nas relações interdiscursivas a heterogeneidade- constitutiva e mostrada; para analisar o corpus da revista, utilizaremos a interdiscursividade constitutiva, uma vez que o discurso é um espaço de troca entre discursos.

É importante ressaltar que cada discurso introduz o discurso do Outro, uma vez que o discurso não nasce do nada, mas de sua dobra sobre a memória discursiva.

O outro circunscreve, pois, justamente, o dizível insuportável sobre cujo interdito se constitui o discurso; por conseguinte, não há necessidade e dizer, a cada enunciação, que ele não admite esse Outro, que ele exclui pelo simples fato de seu próprio dizer. (MAINGUENEAU, 1989, p. 119)

### 3 - O DISCURSO MACHISTA-FEMINISTA EM A VIOLETA

A escola, durante muito tempo, foi definidora da educação moral da sociedade e, com o advento da modernidade, no século XX, outras instituições foram incluídas e imbuídas de tais princípios; nesse sentido, é importante notarmos que as revistas surgem no intento de educar, manter e normalizar a vida de um grupo de brasileiros.

Neste artigo, vamos localizar não os textos literários (em sua grande maioria poemas), mas, principalmente, os editoriais e as cartas, produzidos para a instrução das leitoras.

Traçaremos, em um primeiro momento, os procedimentos da educação feminina no Brasil, que, de certa forma, seguiu fortemente os moldes portugueses. Na tradição portuguesa, a mulher restringia-se a serviços da casa, ao cuidado do marido e dos filhos.

Temos, no século XVIII e XIX, uma sociedade misógena, que via a figura feminina apenas como ornamento do lar, ser inferior, a classe do *imbecilitus sexus* – sexo imbecil. Nesse primeiro momento, não havia preocupação com a educação feminina, a não ser aquela ligada aos afazeres domésticos. A produção intelectual era reservada apenas para os homens.

Em 15 de outubro de 1827, um decreto imperial, consolidando o discurso machista, propõe um currículo mínimo para a educação feminina “[...] voltado para a formação de donas-de-casa, composto das seguintes disciplinas: leitura, escrita, quatro operações, gramática, moral cristã, doutrina católica e **prendas domésticas**”. (MANOEL, 1996, p.23,



grifo nosso). Trata-se de um discurso em que a mulher é vista apenas exercendo papéis de mãe, de esposa e de dona de casa.

Com o advento da modernidade, no início do século XX, algumas modificações foram lançadas no seio da sociedade brasileira, para a valorização da figura feminina. Contudo, essa valorização não ocorreu tão completamente. Temos fortemente marcada a relação do discurso machista imperando sobre o discurso feminista.

Surgem, nesse momento, as revistas dirigidas por mulheres, e é preciso termos em mente que as revistas são formuladoras de ideias e ideológicas e servem para perpetuá-las. Assim, apesar da suposta modernidade e da suposta liberdade alcançada pelas mulheres, no início do século XX, temos o discurso do Mesmo (feminista) entrecruzado pelo discurso do Outro (machista), sendo que este acaba por dominar os sentidos engendrados pelo discurso Mesmo.

Vejam os objetivos propostos pela Revista, em seu primeiro número:

1. *Promover o desenvolvimento intelectual das suas associadas, por meio de conferências, discussões de teses sobre assuntos cívicos, morais e instrutivos;*

2. *Manter uma revista de publicação bimensal onde colaborem as suas associadas ou qualquer outra escritora desde que não trate de questões políticas, religiosas ou animosidades particulares;*

3. *Promover festas litero-musicais com o fim de desenvolver o gosto pelas artes entre as associadas;*

4. *Manter uma biblioteca composta de obras de literatura, jornais e revistas nacionais e estrangeiras;*

5. *Criar, quando a diretoria julgar conveniente, tudo o que for necessário para o desenvolvimento intelectual da mulher mato-grossense.*

(A Violeta 30:9, de 15 de abril de 1918)

É preciso deixar claro que a Revista cumpre seu papel literário de demonstrar a produção literária feminina, em Mato Grosso, bem como de contribuir para as Letras no estado. O que aqui analisamos é que, dentro desse ideal feminista, temos as formações ideológicas, ditando alguns padrões, sendo eles machistas.



No primeiro dos cinco objetivos, temos claramente o discurso pedagógico em funcionamento, a partir do momento em que evidenciamos a função de instruir as mulheres e essa instrução é feita, a partir do prisma da sociedade machista, como veremos mais adiante.

Na presente carta, expõe-se que, dentro do currículo da Escola Normal, tenha-se os princípios curriculares da sociedade machista que via a mulher como ser inferior ao homem.

*A nossa companheira de redacção, Srta. Maria Dimpina Lobo, recebeu da digna patricia D. Julia Lopes de Almeida a carta que publicamos, e cuja leitura instructiva, útil e proveitosa recommendamos especialmente as nossas jovens leitoras.*

*Minha bôa amiga 21 de janeiro de 1919*

*Li com immenso júbilo as suas palavras e muito agradeço ás minhas boas amigas do Grêmio, a inserção do meu retrato no ultimo numero da Violeta e o carinho com que nela se referem ao meu nome.*

*A idea da fundação da Escola a que alude na sua carta è felicíssima e espero que contribua grandemente para a felicidade futura da familia cuyabana. Se desde o principio ela não poder ser estabelecida de um modo absolutamente completo e perfeito, porque para isso seria preciso uma sèrie de estudos e de observações preliminares de algum modo lentas, terá entretanto iniciado **um sistema moderno de educação utilissimo**, e que tem dado excelentes resultados nos países que o adotaram.*

*É provável que ja tenha o seu programa organizado entretanto suponho que para principiar bastar-lhe-hia o seguinte, se se trata como imagino, de uma **Escola Domestica**, isto è uma escola de meninas e moças que já tenham conhecimento de instrucção primaria e não de uma escola profissional sò para meninas pobres, como ha*

*algumas no Brazil.*

*- Higiene – noções sobre saúde, asseio, habitos (hora de sono), trabalho, exercicio, sport, etc.) alimentação, tratamento de seu corpo e de sua casa, afabilidade e serenidade de maneiras etc.*

*- Ginástica sueca – Desenho – Musica (cantos, còros, higiene da voz).*

*- Jardinagem – Pomicultura – Horticultura – Não há nenhum inconveniente que as moças aprendam a cultivar a terra e a fazer inxertias para melhorarem fructos dos seus pomares e as flores dos seus jardins. Envio um livro útil nesse sentido. São exercicios esses que fazem bem à saúde e embelesam os logares em que vivemos. No Brazil è esta uma propaganda em que a mulher deve ser incansavel, porque nenhuma outra lhe pode ser mais util.*



- *Puericultura* – Este assunto deve merecer o maximo carinho da directora, pois que os cuidados dispensados as crianças desde o primeiro dia do seu nascimento são a melhor garantia da sua saúde e da felicidade dos Paes. Nòs todos sabemos quanto entre nós é descurada a educação da primeira infância razão pela qual devemos insistir em esclarecer nesse sentido as futuras mães.

- *Costura* – *Córte de vestidos e de roupas brancas para uso de homens, senhoras e crianças; feitas à máquina e a mão. Pontos de marca, bordados a branco, e rendas de vários sistemas, concerto de roupas velhas, serzir meias, remendar etc.*

- *Noções de Química* – *Tintura de roupas, desinfecções, lavagens, fabricação de sabão, oleos caseiros etc.*

- *Cosinha* – *Arte culinária e modo de manter a cosinha apuradamente limpa. Ensino pratico e teòrico.*

- *Lavar* – *Lavar roupa branca; rendas; sedas; lãs. Engomar e passar.*

- *Economia Domestica* – *Escrituração em ordem, notas diarias, assentamentos de despesas, verificação de contas e de recibos, conhecimento dos preços do mercado, modo de comprar etc.*

***Aula de enfermeiras.***

*Envio-lhe por este mesmo correio alguns livros que espero lhe possam ser úteis, entre eles vae um Ementario da Familia por ser uma obra metodica e unica do seu genero. Estou as suas ordens para tudo o que precisar de mim, lamentando apenas não ter conhecimento de um trabalho especial no caso para lhe mandar já.*

*Queira a minha amiga com todas as suas collegas do "Gremio" receber carinhosos cumprimentos da muito grata e admra.*

*Julia Lopes de Almeida.*

*P.S. Como sabe, as Escolas Domesticas na Europa são frequentadas por meninas e moças de todas as classes. As ricas como as pobres vão procurar no seu ensinamento a pratica que as esclareça pelo governo da sua futura casa.*

*(A Violeta 45: 4 e 5, de 20 de fevereiro de 1919)*

Para a análise, pautar-nos-emos na memória discursiva, que se inscreve no interdiscurso, ou seja, o já dito que sustenta todo um outro dizer. Considerando que todo enunciado é produzido dentro de um contexto histórico, observaremos as formações imaginárias da mulher no início do século XX.



No entanto, não há como traçarmos as formações imaginárias da mulher, sem antes estabelecermos como se constitui a imagem do homem que, muitas vezes, se inscreve sobre a mulher, uma vez que alguns sentidos constituídos sobre a mulher, em sociedades antigas, se reverberam nos novos sentidos da mulher atual.

Para compreendermos como o discurso Outro (machista) se impõe sobre o discurso Mesmo (feminista), na revista A Violeta, é preciso pensarmos nas relações patriarcais que se instauraram na sociedade medieval em que o homem deve ser “[... ] agressivo, racional, forte, ativo, seguro, objetivo [...]” e a mulher seria “[...] afetiva, carinhosa, ingênua, passiva e sensível [...]”. (THERBORN, 2006, p. 29-30). O homem passa a ser visto como chefe da família e a mulher como ser de opressão e dominação dessa figura central.

Na carta da revista A Violeta, aqui analisada, temos o discurso pedagógico por meio da expressão *leitura instructiva*, deixando clara a função didático-pedagógica da revista em educar as mulheres para a vida de “dona-de-casa”, sendo que tudo se converge para o mundo dentro da casa e do quintal, reverberando o discurso machista em que a mulher ocupa um papel secundário, sendo oprimida pelo meio em que se encontra inserida.

Generoso, o sexo barbado disse à mulher que o seu papel era no lar, na educação dos filhos, nas carícias do esposo, no seu trono doméstico da graça, longe do mundo, das suas contingências miseráveis, das suas abominações tremendas, a cujo contato não há alma feminina que não empalideça e não estiole. (RAGO, 1991, p. 49).

Interessante mencionarmos que, com o início do século XX, era de se esperar uma “nova mulher” que contribuísse para sua independência, fora do lar e da vida de dona de casa, e o que acabamos por encontrar na revista A Violeta é um discurso escrito por e para mulheres, que acaba englobando o discurso machista que a enquadra dentro dos moldes do século XIX.

Não importa se a revista foi escrita por mulheres ou homens, o discurso imperialista masculino - OUTRO - acaba se impondo sobre o discurso – MESMO - de tal forma que se dissolve nele. Em uma revista publicada no Rio de Janeiro, *Jornal das Moças*<sup>4</sup>, escrita por homens, vemos, em seu editorial, o mesmo princípio contido no editorial da revista A Violeta.

---

<sup>4</sup> A Revista *Jornal das Moças* teve seu primeiro número publicado em 21 de maio de 1914, dirigida pelos Srs. Comandante Pereira e Ricardo Barboza. Inicialmente quinzenal, tornou-se semanal a partir de 01 de junho de 1916. Este periódico foi publicado até 1961.





## O QUE DEVE FAZER A MULHER PARA CONSERVAR O INTERESSE DOS HOMENS

As mulheres que queiram manter vivo o interesse dos homens por ellas devem preocupar-se com certos pequenos detalhes. Esta é a declaração de um grupo de actrizes de Holywood deu á publicidade recentemente. Cada uma delas indicou um detalhe, que, embora pareça insignificante lhes tem servido para reter o affecto e interesse do sexo masculino.

O grupo aludido é composto por Gladys George, Joan Crawford, Mary Carlisle, Ida Lupino e Eleonore Whitney. Seus conselhos são os seguintes:

Gladys George:- **Não seja curiosa.**

Joan Crawford:- Não faça esperar os homens.

Mary Carlisle:- Não procure acariciar um homem desconsolado.

Eleonore Whitney:- Não se exiba deante dos homens sem estar bem arranjada.

Ida Lupino:- Acaricie-o quando estiver enfermo.

Gladys George acrescenta:- A mulher que queira bem a seu marido deve preocupar-se com insignificantes detalhes, que, ás vezes, são muito importantes.

**Não ha nada que irrite tanto a um homem como que lhe façam explicar suas ausências. O melhor é aceitar suas explicações como artigo de fé. Contém muita verdade o rifão: “olhos que não vêem, coração que não sente”.**

Carole Lombard confessa que um dos pecadilhos mais prejudiciaes é o de fazer esperar os homens.

“Os homens – diz a encantadora atriz – se rebelam contra a falta de pontualidade tão corrente entre as mulheres. **Attribuem o facto de que uma mulher chegue tarde a seus encontros como á falta de interesse neles e detalhes como este, parecendo sem importância, são os que causam os divórcios”.**

**“Quando um homem está de mal humor incommodam-lhe as caricias. O melhor é deixa-lo em paz até que haja passado a nuvem. A que tenha graça deve procurar-lhe a existência para que se esqueça depressa de suas preocupações.”** (... ) JM de 21/01/1937

Mesmo escrito por homens, eles recorrem ao discurso de outrem, neste caso, atrizes de cinema, aconselhando as mulheres ao círculo mãe, esposa e dona de casa. Ao fazer a recorrência do discurso de outrem, apenas consolidam o discurso machista sobre o feminista.

Seguindo os princípios da Análise do Discurso, o sujeito historicamente determinado não tem consciência do que enuncia. O discurso aqui analisado está para a voz Outra constituída em seu discurso, que nos remete ao discurso do século XVIII e XIX em que a mulher era um ser inferior.



É nesse sentido que dizemos que há, no discurso das autoras de A Violeta, o discurso Outro, sendo este machista, evocando-se no século XX, elementos de uma cultura do século XVIII, porque o interdiscurso é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar (ORLANDI, 1999, p 31)

O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação dada. (...) O fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma do dizer é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e a ideologia.(ORLANDI, 1999, p.32)

Assim, o passado reaparece, quando a autora propõe em seu discurso que a escola deve priorizar o ensino da “Jardinagem – Pomicultura – Horticultura – Não há nenhum inconveniente que as moças aprendam a cultivar a terra e a fazer inxertias para melhorarem fructos dos seus pomares e as flores dos seus jardins. Envio um livro útil nesse sentido. São exercicios esses que fazem bem à saúde e embelesam os logares em que vivemos. No Brazil è esta uma propaganda em que a mulher deve ser incansavel, porque nenhuma outra lhe pode ser mais util. da Costura – Córte de vestidos e de roupas brancas para uso de homens, senhoras e crianças; feitas à máquina e a mão. Pontos de marca, bordados a branco, e rendas de vários sistemas, concerto de roupas velhas, serzir meias, remendar etc”

O dizível, aqui entendido como discurso machista, dentro do discurso feminista aparece, a fim de recuperar ou atualizar certos dizeres que representam a distinção binária entre homens e mulheres, que se mascaram sobre as diversas roupagens discursivas, mas, se analisadas a fundo, demonstram um discurso único. Mulheres no início do século XX, mesmo com toda a roupagem feminina, ainda ocupam lugar tradicionalmente definido: o homem em seu papel central de chefe e a mulher em seu papel de dona de casa.

Neste sentido o interdiscurso é o “... processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é levada (...) a incorporar elementos préconstruídos, produzidos fora dela, com eles provocando sua redefinição e redirecionamento...” (MAINGUENEAU, 1989. p. 113)

Desde que surgiram as revistas, no Brasil, as leituras ou textos destinados às mulheres, em sua grande maioria, se voltavam para conselhos, para uma educação moral e para determinar quais os papéis que a mulher deveria desempenhar na sociedade. Quase na



sua totalidade, as revistas eram escritas por homens, para que as mulheres seguissem o modelo ideal de esposa e mãe.

#### 4 - O QUE HÁ DE NOVO NA REVISTA A VIOLETA?

A revista, apenas escrita por e para mulheres, não se desfilia do discurso machista da sociedade imperialista que via a mulher como ser inferiorizado.

A sociedade moderna fez apenas enraizar os discursos machistas sobre a mulher, não os abrandou, ou dissipou, mas consolidou-os, criando estereótipos de “rainha do lar, anjo tutelar”.

Generoso, o sexo barbado disse à mulher que o seu papel era no lar, na educação dos filhos, nas carícias do esposo, no seu trono doméstico da graça, longe do mundo, das suas contingências miseráveis, das suas abominações tremendas, a cujo contato não há alma feminina que não empalideça e não estiole. (RAGO, 1991, p. 49).

Esse discurso machista está dentro do que Maingueneau destacou como heterogeneidade constitutiva, uma vez que o discurso (OUTRO) acaba se dissolvendo dentro do discurso Mesmo, mas que é possível ser notado, pois todo discurso é formado por outro discurso, ou a fim de positivá-lo (como é o caso da revista), ou de negá-lo.

A revista torna-se uma extensão da manutenção do discurso machista sobre as mulheres, encarando-as apenas nas funções de dona de casa, esposa e mãe. Temos um discurso de submissão, em relação aos papéis desempenhados pelas mulheres. Ao negar à mulher, como vimos no objetivo de A Violeta, a participação em debates políticos, econômicos, questões jurídicas e sociais, a revista cumpre apenas seu papel de entretenimento e, portanto, ela assujeita a mulher a um papel secundário na sociedade.

O feminismo, ou seu suposto papel, aparece aqui, de acordo com a carta enviada por Júlia Lopes ao editorial da revista, sob a chancela da domesticidade, os cuidados com o lar e com a família, ensinamentos úteis para a vida no espaço privado da casa, que se estende no máximo ao quintal.

A posição social da mulher em caráter de liberdade é meramente ficcional, uma vez que ainda está presa aos ditames da sociedade machista.



Na Revista A Violeta, periódico mato-grossense, temos um discurso da Educação da Mulher, que ocupa um lugar de discurso pedagógico, a fim de aconselhar, educar a mulher dentro dos princípios de “Mulher Perfeita”.

Há um discurso que visa, principalmente, à criação e projeção de uma mulher perfeita e ideal, ditando o comportamento da mulher recatada, diante do mundo moderno que se instaura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A VIOLETA (publicação do Grêmio Literário “Júlia Lopes de Almeida”). Cuiabá-MT. n. 1 a 333b, dezembro de 1916 a março de 1950.

MAINGENEAU, D. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MANOEL, Ivan A. **Igreja e educação feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo**. São Paulo: UNESP, 1996.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e Leitura**. SP: Pontes, 1985. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001<sup>a</sup>.

RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.